



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO¹

Ivan Livindo de Senna Corrêa; Mariana Barbosa Gonçalves

RESUMO

Este trabalho objetiva identificar as perspectivas dos estudantes que participaram das práticas corporais de aventura vivenciadas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS, no primeiro trimestre de 2015. Para a coleta dos dados empíricos, realizou-se observação participante das aulas de esportes de aventura e entrevista semiestruturada com 24 estudantes que concordaram em participar da pesquisa. Como resultados, observou-se que: os estudantes destacam a prática dos esportes de aventuras como possibilidades de superação do medo; existe muito interesse dos estudantes pela prática de esportes de aventura; os esportes de aventura possibilitam a cooperação e ajuda mútua entre os estudantes; o imprevisto motiva os estudantes; e, a falta de exigência de treinamento físico prévio possibilita maior participação das aulas. Sendo assim, reitera-se a importância das práticas corporais de aventura na escola, já que estas práticas, além de motivar os estudantes para as aulas de Educação Física, ajudam na superação de medos e no enfrentamento de problemas cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE: educação física escolar, esportes de aventura, ensino médio

ABSTRACT

This work aims to identify the perspectives of students that participated of body practices on adventure in Physical Education (PE) classes at Colégio de Aplicação - UFRGS high school in the first semester of 2015. To gather the empirical data it was done participant observation

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



in adventure sports classes and a semi structured interview with 24 students who agreed to be part of this study. As results it was observed: the students highlight the practice of adventure sports as possibility to overcome fear; there is plenty interest of students to take these classes; the adventure sports make cooperation possible and mutual help among participants; the unforeseen motivates students; the non-requirement of previous physical training turns in better participation in the classes. Thus, it is reiterated the relevance of body practice on adventure at school, since these practices besides motivating students to PE classes, they also help to overcome fear and to face daily problems.

KEYWORDS: *school physical education; adventure sports; high school*

RESUMEN

Este trabajo tiene el objetivo de identificar las perspectivas de los estudiantes que participaron de las prácticas corporales de aventura vivenciadas en las clases de Educación Física de la Enseñanza Media del Colegio de Aplicação de la UFRGS, durante el primer trimestre de 2015. Para la colecta de los datos empíricos, se ha realizado la observación participante de las clases de deportes de aventura y la entrevista semiestructurada con 24 estudiantes que estuvieron de acuerdo en participar del estudio. Como resultados, se ha observado que: los estudiantes destacan la práctica de deportes de aventuras como posibilidades de superación del miedo; hay mucho interés por parte de los estudiantes por la práctica de deportes de aventura; los deportes de aventura permiten la cooperación y la ayuda mutua entre los estudiantes; lo imprevisto motiva a los estudiantes; y, la falta de exigencia de un entrenamiento físico previo permite una participación mayor en las clases. De esta manera, se reitera la importancia de las prácticas corporales de aventura en la escuela, puesto que estas prácticas, además de motivar a los estudiantes para las clases de Educación Física, ayudan a que superen sus miedos y a que enfrenten los problemas cotidianos.

PALABRAS CLAVE: *educación física escolar, deportes de aventura, enseñanza media*

ANAIS DO VIII CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE - Criciúma-SC – 08 a 10 de setembro de 2016

Secretarias do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul)

Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/schedConf/presentations>

ISSN: 2179-8133



INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura como opção para as aulas de educação física tem sido um elemento motivador para os estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS (CORRÊA; SANTOS; FLACH, 2011). A motivação parece ocorrer pelo valor simbólico em que as atividades de aventura remetem a insegurança do mundo contemporâneo. Assim, ao correr risco nas atividades de aventura o praticante, ludicamente, retorna ao primitivismo através do risco calculado e do desafio dos próprios limites (medo), além de vivenciar momentos que possibilitam a reflexão sobre as possibilidades de vivências junto à natureza de forma consciente.

Perante as constatações de Corrêa, Santos e Flach (2011) o presente trabalho tem como objetivo *identificar as perspectivas dos estudantes que participam das práticas corporais de aventura vivenciadas por estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação no primeiro trimestre de 2015*. Foi possível a realização da pesquisa porque as aulas de Educação Física para o Ensino Médio do Colégio de Aplicação ocorrem da seguinte forma: os professores, a cada trimestre, reúnem-se com os estudantes e, coletivamente, elegem as práticas corporais a serem realizadas no trimestre. Além das práticas corporais mais procuradas como o futebol, voleibol, basquetebol, handebol e ginásticas os estudantes frequentemente propõem práticas alternativas que, dependendo da disponibilidade de espaço e conhecimentos dos professores, são oferecidas. Entre as práticas corporais alternativas estão: *dodgeball*, pilates, *rugby*, esportes de aventura, capoeira, dança, entre outras. Isso acontece, porque os estudantes desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, no Colégio de Aplicação da UFRGS, passam por diversas experimentações corporais, práticas de movimentos, resultando assim na escolha pela modalidade de preferência quando estão no Ensino Médio. No início de cada trimestre, os estudantes dos três anos do Ensino Médio inscrevem-se em alguma modalidade e participam da mesma naquele período. No primeiro trimestre de 2015 as modalidades escolhidas foram:



futebol, basquete, voleibol, jogos alternativos, pilates, dança e esportes de aventura. Ao observar a escolha dos esportes de aventura como uma das atividades surgiu o “estranhamento epistemológico” que motivou a investigação sobre as perspectivas dos estudantes que participam das práticas corporais de aventura.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se os seguintes procedimentos metodológicos: observação participante e uma entrevista semiestruturada. A observação participante ocorreu durante o estágio docente de um dos autores, as observações foram registradas em um diário de campo, as quais eram objeto de reflexão dos pesquisadores. A entrevista semiestruturada foi realizada com 24 estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS, que frequentaram as aulas de esportes de aventuras, e que concordaram em participar da pesquisa. A entrevista semiestruturada abordou aspectos como: as práticas que os estudantes já vivenciaram na Educação Física Escolar; os motivos pelos quais os mesmos escolheram participar da modalidade de esportes de aventura; o que aprenderam e/ou o que mais marcou nas aulas; o que sentiam antes e após realizarem as atividades de rapel, tirolesa, slackline, caminhadas e a ascensão; e, as aprendizagens significativas à vida cotidiana dos entrevistados.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E OS ESPORTES DE AVENTURA

A Educação Física é um componente curricular obrigatório e que deve estar integrado ao projeto pedagógico da escola. Contudo, além de ser obrigatória, a sua prática curricular sofre influência de diversos fatores: concepções de Educação Física presentes nos documentos oficiais; concepções pedagógicas do corpo docente; trajetórias de formação do professor; materiais didáticos disponíveis na escola; e, infraestrutura e espaços disponíveis para o desenvolvimento das aulas de Educação Física (CORRÊA; MORO, 2004). Essa pluralidade de fatores acaba pautando o trabalho do professor e, conseqüentemente, pautando a prática da Educação Física Escolar.



Contraditoriamente, mesmo diante das diversidades de condições e concepções de Educação Física nos deparamos com documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que aponta para o aprofundamento dos conhecimentos sistematizados da cultura corporal de movimento, manifestado em jogos, danças², lutas, ginásticas e esportes. (BRASIL, 2000). Essa pluralidade das manifestações da cultura corporal de movimento acaba, num aspecto, disponibilizando ao professor e aos estudantes um contingente significativo para a escolha das atividades a serem estudadas a aprofundadas nas aulas de Educação Física do Ensino Médio. Noutro aspecto, acaba de certa forma, dificultando o aprofundamento dos conhecimentos porque, muitas vezes, prioriza-se a ampliação do contingente das vivências em detrimento do aprofundamento de uma determinada manifestação da cultura corporal de movimento.

Segundo Soares et. al. (1992), o Ensino Médio é um ciclo de aprofundamento do conhecimento do estudante, onde lhe é permitido adquirir uma relação com o objeto e a reflexão sobre o mesmo. O aprofundamento proposto pelos autores fica deficitário quando se depara com uma pluralidade de propostas pedagógicas e muitas delas contraditórias. Contudo, observa-se que as propostas pedagógicas da Educação Física Escolar vêm se modificando com o passar do tempo e muitas metodologias que não faziam parte do seu papel, a formação dos cidadãos, foram superadas. Entretanto, ainda há a necessidade de ampliação das reflexões referentes à prática da Educação Física Escolar.

Mesmo que nas últimas décadas a produção sobre a Educação Física Escolar tenha avançado, ainda nos deparamos com a predominância do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física. Ensino muitas limitado às modalidades esportivas tradicionais como: futebol, voleibol, basquete e handebol (CORRÊA; MORO, 2004; SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011). Estas modalidades esportivas, de certa forma, atendem o desejo de muitos estudantes e

² Mesmo com a criação de cursos de graduação em Dança e com a Lei 13.278 de 2016 que inclui no currículo escolar o ensino de Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, o qual tem prazo de cinco anos para adaptação, no contexto escolar atual, mantém-se a atribuição do ensino de dança aos professores de Educação Física.



professores, porém reduz a complexidade e a pluralidade da cultura corporal de movimento. Refletindo sobre essa questão, entende-se que as crianças, jovens e adolescentes têm o direito do acesso a cultura sistematizada e o professor tem o dever de oportunizar diversas práticas corporais, a fim de trabalhar as mais variadas possibilidades de movimentos e potencialidades de experimentação corporal dos estudantes. Pois quando são trabalhados os esportes como voleibol, futebol, basquetebol e handebol, procura-se técnica nos movimentos, e quando o estudante não se enquadra ou não consegue executar tais movimentos daquele esporte, acaba sendo excluído das aulas, ou até mesmo se excluindo. Por essas constatações, é que entendemos que a ampliação das possibilidades de práticas corporais venha contribuir com a inclusão dos estudantes que, de certa forma, são excluídos dos esportes tradicionais.

Ao priorizar o ensino dos esportes tradicionais nas escolas, a Educação Física acaba sofrendo influência das instituições esportivas de abrangência nacional e internacional e com isso, as aulas acabam se tornando um espaço de propaganda da indústria esportiva. Com essa reflexão não estamos descartando o ensino dos esportes tradicionais na escola, porém os esportes devem ser trabalhados de forma crítica e que ganhem características da cultura escolar. Porém, as aulas de Educação Física não devam se limitar ao ensino crítico dos esportes que fazem parte do senso comum da Educação Física (CORRÊA; MORO, 2004). Pensamos que ao introduzir as práticas corporais de aventura na escola, de certa forma, possibilita-se aos estudantes a compreensão de que a cultura corporal não se limita aos esportes tradicionais e que também é possível experienciar uma Educação Física crítica e diferenciada na escola.

Mesmo com a predominância dos esportes tradicionais observa-se que existe um esforço, principalmente pelos cursos de formação profissional, de superar o ensino das modalidades esportivas tradicionais. Com isso, tem-se produzido diversas obras que buscam apontar para outras possibilidades de práticas corporais a serem trabalhadas na Educação Física Escolar, entre outras, encontram-se as coletâneas organizadas por: Kunz (1998; 2002);



Darido e Rangel (2008); e, Darido e Souza Junior (2013). Desatacam-se essas obras, principalmente, porque apontam para uma diversidade de atividades a serem trabalhadas na Educação Física Escolar. No que se refere às atividades junto a natureza encontra-se: em Kunz (2002), as reflexões sobre as questões ambientais que envolvem a Educação Física e em Darido e Rangel (2008), os esportes de aventura como alternativa para as aulas de Educação Física Escolar.

Para Matiello Júnior (2002) as atividades junto à natureza, não devem ser vislumbradas na visão simplista dos esportes radicais, elas devem ser pautadas pela possibilidade de despertar a reflexão crítica dos estudantes no que se refere às questões ambientais como: o impacto do homem ao meio ambiente, o processo de extinções de animais e a questão do lixo. O autor sugere que os passeios ecológicos podem ser registrados por vídeos e fotos que servirão como objeto de reflexão dos estudantes e professores que participam das atividades junto à natureza.

Segundo Galvão, Rodrigues e Silva (2008), os esportes de aventura possuem um potencial motivador, visto que a presença dos riscos inerentes a essa atividade acaba despertando o interesse dos estudantes. Por isso, os esportes de aventura possuem aspectos potenciais e motivacionais, fazendo com que os estudantes procurem se envolver mais nas aulas de Educação Física.

Para Manning (2011 apud FRANCO; CAVASINI; DARIDO, 2014) entre os aspectos que demonstram e enfatizam a importância dos esportes de aventura encontram-se: as satisfações pessoais, onde o estudante trabalha sua autoestima, autoimagem, autoconfiança; o desenvolvimento das competências em grupo; a melhoria da representação acadêmica; e, os benefícios fisiológicos, ganho de equilíbrio e força muscular. Além dos aspectos subjetivos, a prática dos esportes de aventura possibilita a abordagem de questões ambientais, onde o estudante terá uma relação maior com a natureza e entre as próprias pessoas que estão com ele no momento da prática, como também o aumento das relações dos estudantes com as questões



ambientais e a preservação das áreas naturais. Outros aspectos relevantes são as questões socioculturais que possibilita o engrandecimento das perspectivas de cooperação, envolvendo os estudantes nas tomadas de decisão, principalmente quanto às atividades de risco levam os praticantes a decidirem sobre a melhor forma superar os obstáculos.

Contraditoriamente, Galvão, Rodrigues e Silva (2008) encontram nos esportes de aventura uma busca de ideias humanistas, quando o homem procura um reencontro consigo mesmo e por outro lado:

como mais um produto a ser devorado no mercado de bens de consumo, os esportes de aventura colocam-se como uma tendência na dinâmica cadeia de relações construídas a partir do entendimento sobre o fenômeno esportivo; portanto, precisam ser abordados e discutidos dentro da escola. (GALVÃO; RODRIGUES; SILVA, 2008 p. 183).

Indiscutível os esportes de aventura estão disponíveis no mercado, principalmente pelo comércio de equipamentos necessários a prática com segurança, a oferta de locais previamente preparados para a prática e da competição em muitas atividades de aventura. Contudo, além dos aspectos comerciais e competitivos, os esportes de aventura apontam para valores que representem uma nova perspectiva para a relação homem-natureza. Esta é uma das possibilidades de reflexões entre professor-estudante, buscando significar as suas relações, entre as pessoas, consigo mesmo e com o próprio meio (sociedade) em que estão inseridos.

Para Galvão, Rodrigues e Silva (2008) não é necessário desfazer-se da competição nos esportes de aventura, mas sim compreender novas possibilidades de construção do entendimento do mesmo a outros valores e princípios. Os autores sugerem ainda, que o professor deva iniciar a discussão a partir da realidade vista através do pensamento tradicional, para que se realize transformações de pensamento com valores ambientalistas, isso é muito importante para a conscientização dos estudantes em relação ao meio ambiente a sustentabilidade que é amplamente discutida hoje.

A preferência pelas modalidades esportivas sob a ponto de vista ambientalista tem como motivação, segundo Costa (2000), a superação de obstáculos na busca do



autoconhecimento e satisfação pessoal, em que são reintroduzidas as noções de jogo e de prazer, tais como a fantasia, o desejo, o sonho, o desafio e a vertigem. Práticas essas que resgatam:

valores de beleza, auto realização, liberdade, cooperação e solidariedade, valores omitidos pelas práticas mecanizadas do esporte-espetáculo, em que preponderam a eficácia do rendimento corporal e a produção e o consumo de bens e serviços. (COSTA, 2000, p. 26).

Esta é uma modalidade recente na escola, mas tem mostrado, nas aulas observadas, algumas mudanças de entendimento dos estudantes referente à Educação Física e as possibilidades de experiências e reflexões com as atividades de aventuras. A partir disso e do exposto acima, entrevistou-se estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFRGS com o objetivo de identificar as percepções e sentimentos dos mesmos durante as experiências com o rapel, a tirolesa, o slackline, as caminhadas e a ascensão. Durante a análise das entrevistas pode-se: identificar as perspectivas dos estudantes para o ensino de esporte de aventura na escola e evidenciar os motivos que levaram os estudantes a escolherem a modalidade de esportes de aventura nas aulas Educação Física.

AS PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

As práticas corporais como as danças, as lutas, os esportes, os jogos e as ginásticas são desenvolvidas nas aulas de Educação Física do Colégio de Aplicação, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental. Nos anos iniciais, as vivências da cultura corporal do movimento, entre elas as práticas corporais de aventura, são trabalhadas de uma forma mais lúdica e de familiarização dos estudantes com as técnicas e com os equipamentos. Já nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio possibilita-se a ampliação e aprofundamento dos conhecimentos, incluindo as práticas corporais de aventura. No Ensino Médio, os estudantes se envolvem nas práticas das atividades de esporte de aventura, no conhecimento dos equipamentos, no uso adequado dos mesmos, no aumento de dificuldade da prática e ainda no



auxílio aos colegas durante as práticas. Além das práticas corporais de aventura, os estudantes participam de reflexões ambientais durante as aulas, como: a necessidade de preservação dos espaços naturais e do convívio harmônico entre homem e natureza.

Durante a observação participante constatou-se que: os estudantes experienciaram a escalada nas colunas de uma das quadras da escola e nas árvores disponíveis; realizavam as descidas de rapel o que exigia dos estudantes conhecimentos e habilidades necessárias para realizarem a troca de equipamentos (colocação dos mosquetões e freio oito para descer). Alguns estudantes aproveitavam para experimentar a técnica de inversão no rapel, onde ficavam de cabeça para baixo. Após um tempo, a prática de rapel evoluiu e os estudantes desciam as paredes em um dos prédios com altura de dez metros, ou seja, maior que o outro local que foi praticado anteriormente. Outra atividade que realizaram foi à tirolesa entre duas árvores, o deslizamento realizado com equipamentos individuais, onde os estudantes desceram de uma altura de mais de sete metros o que permitia aos mesmos a sensação de sobrevoar o terreno, sem exigir esforço físico. O slackline, em que os estudantes se deslocavam de um ponto ao outro sobre uma fita presa entre dois pontos (duas árvores) acima do solo, o qual os estudantes praticavam quando não estavam nas outras práticas (rapel, tirolesa e ascensão). O slackline também foi praticado sobre um riacho próximo ao Colégio de Aplicação, para essa atividade utilizou-se uma corda de segurança onde se fixava os equipamentos de segurança. As técnicas de ascensão por corda fixa em árvores foram realizadas com uso de equipamento específico para a ascensão a pontos que não eram possíveis sem a utilização de equipamento. Nessa atividade os estudantes aprendiam a utilizar adequadamente os equipamentos e o domínio das técnicas que envolvia o conhecimento de nós e habilidades em realizar a ascensão. Dependendo da técnica ensinada os estudantes utilizavam mais força nos membros superiores ou inferiores, mas sempre utilizando os músculos abdominais. Enquanto parte dos estudantes praticavam as atividades os demais, registravam as mesmas com seus celulares, o registro das atividades serviu como um dos meios de avaliação utilizado pelo professor.



No final do trimestre os estudantes, em grupos de três, elaboraram um vídeo contendo as atividades realizadas nas aulas, onde além das imagens das aventuras constavam a descrição das técnicas e os instrumentos necessários para a realização das atividades. Segundo Morán (1995, p. 31) a utilização de vídeo como avaliação, possibilita estudantes e professor “ver-se na tela para poder compreender-se, para descobrir o próprio corpo, os gestos”, assim o estudante ao contemplar-se na tela pode perceber o percurso de sua aprendizagem. Além de ser um instrumento de avaliação, os vídeos elaborados pelos estudantes do Colégio de Aplicação servem como documento de registro das experiências realizadas nas atividades de aventura nas aulas de Educação Física.

Nessas observações, identificou-se que os estudantes atribuíam significado ao conhecimento, contextualizando e relacionando-o com conhecimentos de outras áreas. Desta forma, esta prática tem a possibilidade ainda possibilitar a interdisciplinaridade ao mobilizar nas aulas de Educação Física conhecimentos de: Biologia, principalmente ao apreender a identificar as espécies das árvores existentes nas proximidades do Colégio de Aplicação; Geografia, ao explorar os espaços naturais e identificar o relevo e a possibilidade de utilizá-los como espaços para as práticas; e, Física, ao conhecer a resistência dos materiais, saber distribuir a força pelos pontos de ancoragem e saber usar o sistema de roldanas para conseguir estender as cordas e fitas.

Ao questionar os estudantes sobre as práticas corporais realizadas na trajetória escolar, identificaram-se ao perguntar quais as práticas corporais eles já haviam realizado, as seguintes atividades: voleibol (22 entrevistados); futebol/futsal; (21 entrevistados); handebol (19 entrevistados); basquete (16 entrevistados); esportes de aventura (10 entrevistados); capoeira (9 entrevistados); ginástica (7 entrevistados); dança (4 entrevistados); atletismo (3 entrevistados); caminhada (2 entrevistados); pilates (2 entrevistados); e, citado por apenas um entrevistado apareceu a natação, esportes alternativos, tênis, dodgball, basebol e softbol. Destaca-se um número significativo de estudantes que apontaram como práticas realizadas nas



aulas de Educação Física os esportes: futebol/futsal, voleibol, basquete e handebol. Este é um dado significativo, visto que as demais práticas como ginástica, dança, capoeira, atletismo e esportes alternativos foram menos lembradas. Em um estudo realizado por Corrêa e Moro (2004), em escolas públicas do Rio Grande do Sul, constataram que os professores de Educação Física priorizam as atividades de voleibol, basquetebol, futebol/futsal e handebol porque essas atividades são as mesmas que os professores praticaram em sua trajetória escolar e acadêmica. Para os autores, a familiaridade do professor e dos estudantes com as modalidades tradicionais constituem o senso comum da Educação Física Escolar. Assim os professores acabam reproduzindo as práticas corporais que realizavam na época de estudantes da Educação Básica, as quais continuam sendo ratificadas pelos currículos dos cursos superiores.

Além disso, Soares et al. (1992) destacam que a Educação Física Escolar deve proporcionar o acesso a Cultura Corporal do Movimento e com isso proporcionar ao estudante um acervo significativo de conhecimentos e práticas que possam contribuir para a formação da cidadania. Observou-se que as atividades de aventura ao possibilitar a reflexão ambiental têm contribuído para a construção de um cidadão consciente do impacto ambiental que o crescimento econômico provoca e também, consciente da necessidade de preservar os espaços naturais existentes.

ESPORTES DE AVENTURA: MOTIVOS, PERCEPÇÕES E PERSPECTIVAS DOS ESTUDANTES

A preocupação com os motivos que levam os estudantes a prática das atividades de aventura aponta para a compreensão dos aspectos emocionais que envolvem a Educação Física. Segundo Moreira (1991), a Educação Física direcionada excessivamente para o desenvolvimento das habilidades e capacidades físicas, esquece-se das questões emocionais dos estudantes. Para o autor, isso pode ser um dos fatores que ocasiona a falta do interesse dos



estudantes nas aulas de Educação Física, pois ao não terem o sucesso ‘esperado’ ou por outras experiências negativas, acabam sendo desestimulados.

Nas entrevistas, predominou como motivos para a prática das atividades de aventura a “busca por novas experiências”, “novidades” e também “por ser algo diferente”, respostas dada por doze dos 24 entrevistados. Segundo Charlot (2010), em seus estudos, quando se pergunta ao estudante sobre o interesse pela escola e se ele acreditava se a escola deveria se reinventar, a resposta que se obtém é: a escola precisa reencontrar a “aventura intelectual” porque não se observa a “aventura intelectual” na escola. Como isso, constata-se que os estudantes precisam ser motivados a aprender, devem estar diante de situações que os instiguem a realizar algo, a gostar de aprender algo. Ainda para Charlot (2010) o estudante precisa encontrar o prazer de aprender, e que se os professores fossem mais felizes, a escola seria melhor para os estudantes.

Percebe-se isso também em respostas dos nossos entrevistados, que disseram ter escolhido a modalidade de esportes de aventura, pois era interessante, divertido, trazia felicidade e ainda a superação de seus medos. Essas falas coincidem com as constatações de Charlot (2010), porque para ele o importante para o estudante é o prazer que a escola proporciona, e assim, a escola sendo prazerosa, é possível que os estudantes tenham uma aprendizagem efetiva. Mesmo para aquele estudante que passam de ano, mas que não sente prazer em estudar a sensação de fracasso prevalece, já que ele pode não ter aprendido e sim simplesmente decorado.

Além dos motivos, outra categoria analisada foi às percepções da prática das atividades de aventura. Para os estudantes, a principal sensação durante a prática dos esportes de aventura é o *medo* e a superação do mesmo, sendo que nove estudantes trouxeram isto presente em suas experiências. Além disso, alguns colocaram que tinham também *ansiedade* em fazer logo a atividade, o *nervosismo*, ao mesmo tempo a *empolgação* e a *vontade* em realizar as atividades.



Um dos estudantes relatou que era uma: “sensação muito boa porque é tipo ter conseguido vencer aquele medo”.

Em contrapartida as sensações negativas, evidenciaram a coragem, a felicidade, a realização, a segurança, a agitação, a adrenalina e o orgulho de si. Referente às percepções, Costa (2000, p. 27-28) destaca que o esporte de aventura “não se representa somente como uma prática física, mas se manifesta como um exercício de vontade do sujeito que a vivencia, de sua imaginação, da razão e do sacrifício para chegar ao objetivo primordial: o êxtase”. A partir disso, pode-se destacar o sacrifício de alguns estudantes que enfrentaram completamente seus medos e temores, por algo que era digno de sua superação. Destaca-se também, a colocação de um dos estudantes que aponta importância da confiança no professor e nos colegas fundamental para a superação dos obstáculos, o que representa o altruísmo desenvolvido nos estudantes, onde se resgata a tendência de natureza instintiva que estimula o ser humano a preocupar-se com o outro.

Quanto às perspectivas dos estudantes, salientam como fato marcante nas aulas o aprofundamento dos conhecimentos, no sentido de ter continuidade ao trabalho que foi realizado nos anos anteriores. Entre as circunstâncias importantes vivenciadas pelos estudantes destaca-se: o controle da ansiedade; a superação dos medos; a segurança possibilitada pelos equipamentos; a determinação e a força de vontade; o enfrentamento da altura, dos medos e dos desafios; a confiança no outro (professor e colega); a experiência como lição para o futuro; e, a aula vista como um estímulo para, talvez, também uma futura profissão. Para os entrevistados, parece que a prática dos esportes de aventura é uma possibilidade a mais da Educação Física Escolar. Além disso, os esportes de aventura possibilitam a reflexão interdisciplinar dentro da escola e também proporciona o prazer em estar na escola, fazendo relações com outras áreas de conhecimentos e tornando a escola mais atraente e, de certa forma, um lugar de: saber, questionamento, crítica e aprendizagem. Essas constatações aparecem em falas como:



[...] As provas ficaram até mais fáceis, já que eu sei que vai ser uma coisa que se eu estudei eu posso é só eu lembrar do que eu estudei, não mais aquela coisa de ter um branco, pelo menos acho que isso melhorou bastante, tanto que eu fiz dois anos de esportes de aventura então isso facilitou bastante. [...]. (Entrevistado A).

Um segundo aspecto importante nas falas é a superação do medo. Parece que a superação do medo não fica apenas nas atividades de aventura, a capacidade de superar o medo transcende para outras situações dentro da escola, mas que possivelmente irão carregar com eles para outras experiências em suas vidas. Observação em colocações como:

[...] Eu comecei a ficar um pouco mais calmo, por assim dizer, depois que eu tinha medo de alguma coisa eu pensava um pouco: “nossa, eu desci um prédio de 10 metros eu consigo fazer isso. [...]”. (Entrevistado B).

Um terceiro aspecto é a diferenciação percebida entre os esportes de aventura e os esportes tradicionais. Para os estudantes os esportes de aventura aparecem como uma atividade não repetitiva onde o novo ou o inesperado prevalece. Já os esportes tradicionais aparecem como atividades repetitivas e que exigem treinamento prévio para que se chegue a performance desejada, como aparece na seguinte fala:

[...] Futebol, vôlei é sempre um treinamento, treinamento até que chega uma hora que tu vai jogar, e eu normalmente não consigo com treinamento, mas com isso é muito fácil e tu aprende muito mais rápido, porque tu tá indo logo pulando o treinamento indo logo lá, obvio que tem umas dicas e treinamento antes só que são mais curtas, e eu acho que é só isso. [...]. (Entrevistado C).

Para Marinho (2004) as práticas de aventura a experimentação acontece de maneira direta, onde há um afastamento do rendimento planejado como ocorre nas aulas dos esportes tradicionais, nos esportes de aventura existem perigos, risco, claro que calculados, mas que não exige um treinamento intensivo antecipado. Como aparece nas falas dos entrevistados, foi justamente a não exigência de treinamento que tem motivado a participação dos estudantes nas aulas de esportes de aventura, predominando assim o interesse por atividades lúdicas do que por atividades que exigem um “trabalho” mais intenso.

Diante disso, surge a seguinte preocupação: o fado dos estudantes que se sentem, de certa forma, excluídos dos esportes tradicionais terem procurado os esportes de aventura aponta para outro problema. Os esportes de aventura, ao mesmo tem que inclui, não acaba



estimulando a prática de atividades que exigem esforço mínimo do praticante? Questão que nos remete a outras indagações, por exemplo: um estudo realizado por Corrêa (2012) constatou que: estudantes do Ensino Médio apresentam resistência em aceitar a capoeira como atividade da Educação Física Escolar. O autor identificou a resistência, porém não conseguiu constatar os motivos da rejeição a capoeira. Talvez, a resistência seria, justamente, por que a prática da capoeira exige um treinamento prévio? Questões essas que não pretendemos aprofundar aqui, mas que serve como indicação a estudos posteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho procurou-se apresentar as percepções dos estudantes, nas quais destacam os esportes de aventura como atividade que: possibilita a superação do medo; aumenta o interesse dos estudantes pelas aulas de Educação Física; estimula a cooperação e ajuda mútua; com a eminência do imprevisto motiva os estudantes; e, com a ausência de treinamento prévio possibilita a maior participação nas aulas. Essas constatações nos levam a refletir sobre os desafios da Educação Física Escolar no contexto atual. Isso porque, a prática de esportes de aventura na escola, mesmo sendo muito aceita pelos estudantes, em nossa experiência, observa-se muita resistência por parte do corpo docente, que frequentemente nos perguntam: “você não tem medo de que algum aluno caia?”. Parece que para muitos professores do Colégio de Aplicação às atividades de aventura são muito perigosas para serem trabalhadas na escola. Essa é uma contradição importante, porque o risco que tem motivado os estudantes é o mesmo que tem levado a resistência por parte do corpo docente.

A resistência por parte do corpo docente parece estar relacionada ao medo do novo e do diferente. Parece ser mais cômodo ficar reproduzindo aquilo que historicamente tem-se ensinado em nome da Educação Física e/ou do esporte. Porém, apesar dos medos, os estudantes destacam que as atividades de aventura despertam para questões ambientais e de sustentabilidade que os motivam a buscar experiências diferentes. Por isso, reiteramos a



contribuição dos esportes de aventura para a educação escolar, já que esta prática, além de possibilitar a cooperação entre os estudantes, ajuda-os na superação dos medos, relacionando-os também com a superação de problemas cotidianos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016*. Altera o § 6o do art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm Acesso em: 26 de junho de 2016.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio* (Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias). Brasília: SEB/MEC, 2000.

CHARLOT, B. Entrevista com Bernard Charlot. *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 213-220, set 2009/fev. 2010.

CORRÊA, I. L. S.; MORO, R. L. *Educação Física Escolar: reflexão e ação curricular*. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

CORRÊA, I. L. S. Cultura corporal afro-brasileira na escola: resistência e perspectiva de estudantes do Ensino Médio. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 81-105. jan./jun. 2012

CORRÊA, I. L. S.; SANTOS, D. F.; FLACH, P. Z. S. Rapel e tirolesa no ensino médio: a aventura na escola. In. XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DOS ESPORTES. Porto Alegre: CBCE/UFRGS, 2011. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/2750> Acesso em: 26 de junho de 2016.

COSTA, V. L. M. *Esporte de aventura e risco na montanha: um mergulho no imaginário*, Barueri: MANOLE, 2000.



DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Orgs.). *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DARIDO, S.C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. (Orgs.). *Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção*. 7 ed. Campinas: Papirus, 2013.

FRANCO, L. C. P.; CAVASINI, R.; DARIDO, S.C. Práticas corporais de aventura. In GONZÁLEZ, F. J.; DARIDO, S.C.; OLIVEIRA, A. A. B. (Orgs.). *Lutas, capoeira e praticas corporais de aventura*. Maringá: Eduem, 2014. p.101-136.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L. H.; SILVA, E. V. M. Esporte. In: DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. (Orgs.). *Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 176-198.

KUNZ, E. (Org.). *Didática de educação física 1*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

KUNZ, E. (Org.). *Didática de educação física 2*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

MANNING, R. E. *Studies in outdoor recreation: search and research for satisfaction*. Corvallis, EUA: Oregon State University Press, 2011.

MARINHO, A. Atividades na natureza, lazer e educação ambiental: refletindo sobre algumas possibilidades. *Motrivivência*, Florianópolis: Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física, ano XII, n. 22, p. 47-69, 2004.

MATIELLO JÚNIOR, E. Exercitando conhecimentos e práticas sobre meio ambiente a partir da pedagogia crítico-emancipatória. In. KUNZ, E. (Org.). *Didática de educação física 2*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. p. 99-131.

MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. *Comunicação e Educação*, São Paulo, (2). p. 27-35, jan./abr. 1995.

MOREIRA, W. W. *Educação Física Escolar: uma abordagem fenomenológica*. Campinas: UNICAMP, 1991.



SANTOS, M. A. G. N.; NISTA-PICCOLO, V. L. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.25, n.1, p.65-78, jan./mar. 2011.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

Ivan Livindo de Senna Corrêa

Professor de Educação Física do Colégio de Aplicação da UFRGS.

Endereço: Rua Dolores Duran, 240, casa 27, Bairro Agronomia, Porto Alegre-RS. E-mail: ivanlivindo@gmail.com

Mariana Barbosa Gonçalves

Professora, Graduada em Educação Física – Licenciatura na PUCRS. E-mail: mariana.barbosa@acad.pucrs.br